

**ENTRE AS CHAMAS DO PASSADO E DO FUTURO: “Os monumentos bandeirantes e o embate de memórias em território paulista”**

Lucas Bená de Oliveira (IC), Paulo Cezar Nunes Junior (PQ)<sup>1</sup>  
*Universidade Federal de Itajubá - Instituto de Física e Química*

**Palavras-chave:** Patrimônio. Memória. Território. Fogo.

### Introdução

O fogo possui forte simbolismo e é dual em suas representações. As chamadas foram uma expressão de resistência no ato impellido contra a estátua do bandeirante Borba-Gato, quando, em 2021, ela foi incendiada pelo Coletivo Revolução Periférica.

A pesquisa realizada para este simpósio trata do embate de memórias entre narrativas criadas e reivindicadas, o qual acontece em pleno espaço urbano. Para tratar dessa problemática, os objetos de estudo escolhidos foram os monumentos bandeirantes paulistas, que contam com estátuas e vias e através dos quais procura-se entender como a noção de identidade do povo paulista foi afetada.

O fator que motivou a realização desta presente pesquisa foi o incêndio na estátua do bandeirante Borba-Gato. Ocorrido em 24 de julho de 2021. A manifestação social trouxe ao fervor do debate a pergunta: “o que fazer com monumentos de figuras que protagonizaram épocas controversas?”. Ressignificar é o verbo que aparece na resposta. A história está em plena disputa, onde grupos antes ofuscados, agora lutam pelas suas próprias memórias (SALVIATTI *et al.*, 2021).

Ilustrando a narrativa ufanista que envolve determinados entes da história nacional, os bandeirantes se tornaram heróis dentro de suas narrativas lendárias, eternizadas pelos monumentos e vias que levam seus nomes. Em contrapartida, os movimentos sociais lutam para que suas memórias sejam levadas em conta.

O estudo descrito por esta Iniciação Científica segue explorando os laços entre patrimônio, memória, território e poder.

### Metodologia

De caráter qualitativo, a pesquisa em tela visa trazer uma nova interpretação sobre o significado dos monumentos bandeirantes.

Os dados sobre os monumentos foram retirados de portais governamentais sobre as estátuas, sites

oficiais dos órgãos que gerem as vias e, por fim, de sites turísticos que apresentam e comentam sobre tais patrimônios. Os adjetivos usados para tratar os bandeirantes nos sites oficiais receberam a devida atenção e protagonizaram discussões no decorrer da pesquisa. Termos como “desbravadores”, por exemplo, remetem a criação de uma narrativa fantástica envolvendo os bandeirantes.

A pesquisa foi explicativa, relacionando conceitos de território, construção de memórias coletivas e conflitos sociais. Para encontrar materiais de apoio sobre os temas citados, palavras como “memória”, “monumentalidade”, “patrimônio”, “bandeirantes”, “movimentos sociais” e “São Paulo”, foram combinadas de diferentes formas no portal “Periódicos Capes”.

Para descrever a ascensão do mito bandeirante, fontes de pesquisa terciárias, como artigos, matérias e obras literárias, foram consultadas. Para a busca, palavras como “mito bandeirante” e “história bandeirante” foram colocadas no Google.

Ademais, sites oficiais, notícias e documentos se construíram como componente de estudo documental. Os comentários dos leitores nas matérias presentes nos jornais se constituíram como pontos importantes para a discussão e reflexão de certos temas. No Google, buscaram-se por eventos recentes nas estruturas bandeirantes, com atenção especial ao incêndio na estátua de Borba-Gato.

Para análise de imagens e interpretação do embate de memórias, foi empregada a metodologia Atlas, de Aby Warburg, para criação, observação e leitura de pranchas de imagens. Para representar a disputa entre memórias, foram feitos dois arranjos de imagens, os quais foram, primeiramente, analisados de forma separada e, posteriormente, ligados um ao outro em seus sentidos. Arranjos são versões de pranchas, criados para este trabalho, que evitam o excesso de imagens e focam em uma especificidade.

## Resultados e discussão

Antes de prosseguir para os resultados e discussão, é relevante citar quais foram os embasamentos teóricos que guiaram esta pesquisa. Para entender qual o espaço físico que os monumentos ocupam nas cidades paulistas, foi realizado um mapeamento não exaustivo de seis monumentos escolhidos previamente: as estátuas dedicadas à Borba-Gato, Oyaguara e Anhanguera, o Monumento às Bandeiras e as Rodovias Bandeirantes e Anhanguera. Todos os patrimônios estão localizados na capital paulista, com exceção da estátua de Oyaguara, situada em uma praça pública do município de Campos do Jordão. Por meio de diversas informações recolhidas de portais oficiais e sites turísticos, é possível perceber que todos os monumentos erguem-se em espaços centrais às cidades paulistas, tornando-se comuns e cotidianos e omitindo o passado controverso que carregam. Alguns adjetivos utilizados nos portais de busca também chamam a atenção, como o termo “desbravadores” e seus derivados. Um trecho que se refere ao Monumento às Bandeiras serve de exemplo: “O Monumento às Bandeiras [...] representa os bandeirantes que desbravaram o país no período colonial.” (SÃO PAULO, 2022, p. 1). Desbravar é um adjetivo que remete à personagens heroicos e corajosos, que adentravam territórios nunca explorados em seus passos aventureiros. Tais palavras corroboram para a narrativa épica que foi construída em torno dos bandeirantes e ofuscam a memória dos povos perseguidos pelo processo de bandeiras.

Com o propósito de recolher mais informações, o presente estudo também compilou dados sobre a memória coletiva e como ela se manifesta socialmente no território urbano. O estudioso Pierre Nora (1993) diz que a memória não é espontânea, é criada a partir de enfoques e distorções, acompanhando um grupo vivo e estando sujeita a questionamentos. No caso da memória bandeirante paulista, como aponta Veiga (2020) e Piubel e Mello (2021), ela foi criada a partir das demandas identitárias da elite cafeeira paulista, contando com o auxílio de seus membros intelectuais para originar produções literárias e artísticas para a instauração do “mito bandeirante”.

Partindo para os resultados e discussão, primeiro, construiu-se dois arranjos de imagens, um com fotos dos monumentos intactos, outro com os monumentos submetidos a diversas intervenções sociais. Os arranjos foram inspirados na metodologia Atlas de Aby Warburg. O Atlas Mnemosyne consiste em dispor diversas imagens em uma prancha de fundo negro - ali, as imagens não se tocam porém ainda são vistas com

relação umas as outras. Jane Maciel (2018), destaca a importância do legado de Warburg ao considerar a imagem expressiva em si mesma ao mesmo tempo em que está inserida e rodeada por contextos sociais, históricos, econômicos e políticos. o pesquisador de imagens Georges Didi-Huberman (2012) diz que “não há imagem sem imaginação” e na metodologia Atlas as lacunas negras em torno das imagens são como caminhos por onde o observador atribui seus próprios significados, utilizando a capacidade humana de “sentir”.

Cada arranjo representa, separadamente, uma memória social. A seguir, temos a memória bandeirante sendo simbolizada por diversas fotos de monumentos que lhe fazem referência. Individualmente, eles erguem-se orgulhosos no espaço urbano. Juntos, eles se entrelaçam para protagonizar o “mito bandeirante” que paira por São Paulo:

Imagem 1 - a epopéia bandeirante



Montagem do arranjo: autores

O próximo arranjo traz ao observador a luta por memória dos povos oprimidos, que exigem serem ouvidos e terem sua ancestralidade valorizada. Desse modo, as imagens em pauta são os mesmos bandeirantes já apresentados, porém, agora vistos sob diversas intervenções sociais. Borba-Gato, em chamas, espalha suas labaredas simbólicas pelas demais fotos, incendiando-as com a vontade de mudança e ressignificação que cada protesto carrega:

Imagem 2 - Ressignificação dos monumentos bandeirantes



Montagem do arranjo: autores

Portanto, os dois arranjos, comparados entre si na ordem em que foram apresentados, ilustram o próprio processo de ressignificação da “epopéia bandeirante” para a construção de novos significados sobre os monumentos, as figuras e o contexto que os cercam. Cada arranjo detém uma memória: a primeira, a memória criada pela classe dominante; a segunda, a memória que deseja-se fazer brilhar sob as cinzas da antiga narrativa bandeirante.

Analisando cada manifestação separadamente, utilizando para tal sites de notícias e jornais on-line, é nítido perceber que as exigências por reparação histórica e pela adoção de novos meios, baseados em equidade, de se contar a história, são cotidianas e inerentes ao atual contexto urbano. Novos nomes estão sendo homenageados, em uma memória antiga que é levada às cinzas, para que outra surja no brilho das chamas.

Cabe aqui destaque a duas ações tomadas pelas autoridades no caso do incêndio ateadado na estátua de Borba-Gato. Segundo matérias do portal de notícias G1 e UOL, o protesto foi realizado pelo Coletivo Revolução Periférica, sob liderança de Paulo Roberto da Silva Lima, conhecido como Paulo Galo. O líder foi preso por 14 dias após apresentar-se espontaneamente na delegacia. O ocorrido causou comoção nas redes sociais e no dia 10 de agosto de 2021, o Tribunal de Justiça de São Paulo revogou a detenção por possuir caráter político (TOMAZ; BACKES, 2021; UOL, 2021).

Pelo ocorrido, fica claro que a memória bandeirante é mais preservada que a própria vida e liberdade dos grupos marginalizados. O argumento pode ser reforçado pelo seguinte fato: quando a estátua de Borba-Gato ardeu em chamas, bombeiros chegaram rapidamente para apaziguar o fogo e policiais militares se mobilizaram para encontrar os autores (G1, 2021). Além da já citada prisão de Paulo Galo e de outros de seus colegas, não obstante, após o ocorrido, a Guarda

Municipal Metropolitana de São Paulo informou que iria aumentar as rondas pela praça onde está localizado o monumento. É emblemático fazer o comparativo sabendo que, em 2020, como indica o texto de Bianca Muniz, Bruno Fonseca e Raphaela Ribeiro (2020) em reportagem para o jornal El País, em decorrência dos graves incêndios ocorridos na região do Pantanal, mais da metade das terras indígenas ali presentes haviam sido afetadas pelas queimadas - 200 focos de incêndio em agosto e 164 em setembro de 2020. Neste caso, ações demoraram em ser tomadas pelos órgãos responsáveis, como o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e a Funai (Fundação Nacional do Índio). Faltavam brigadistas para combater os incêndios e a Funai não respondeu prontamente sobre quais suportes estavam sendo ofertados às aldeias prejudicadas.

Pode-se, então, traçar um paralelo entre os dois acontecimentos: a pronta resposta das autoridades para cuidar do monumento incendiado e a demora dos órgãos responsáveis pela proteção das terras indígenas em pronunciarem-se sobre as medidas de auxílio e prevenção que deveriam ter sido tomadas, no tocante das fortes queimadas do Pantanal. Delineando o comparativo, é nítido perceber que há incêndios que “queimam” mais e “machucam” mais as estruturas institucionais e ideológicas do país. Uma estátua de concreto é, por vezes, mais importante que o bem estar de comunidades indígenas inteiras. A ideia se torna mais forte e visível quando se percebe que a estátua de Borba-Gato mobilizou mais os mecanismos estatais do que as tragédias vivenciadas nas terras indígenas.

## Conclusões

A presente pesquisa buscou relacionar quatro pontos: patrimônio, território, poder e memória, que se interligam a partir da metáfora do fogo, a qual serve como alegoria para demonstrar a disputa por representatividade no espaço urbano paulista.

A memória, como algo não espontâneo, é criada a partir de demandas identitárias, as quais, na maioria das vezes, estão sob o controle dos grupos que detém o poder. A memória induzida como algo selecionado, então, se traduz e materializa nos patrimônios dispostos no território urbano. Os ditos heróis guardam, imponentes, o coração das cidades, enquanto o território urbano é construído, geograficamente, de forma a segregar e marginalizar os grupos que não correspondiam ao padrão paulista idealizado.

Às elites interessa mais a proteção de seus mitos, de sua identidade, do que dos povos vulneráveis socialmente e historicamente. O incêndio na estátua de

Borba-Gato foi muito mais que um protesto único e alheio. Na realidade, é parte de um processo histórico complexo e manchado por desigualdades bem demarcadas.

## Agradecimento

Agradeço ao meu melhor amigo por estar comigo sempre, independentemente da situação. Aos meus pais pelo carinho e apoio. Ao meu orientador pela paciência e aprendizado. À Capes e à Unifei, sou grato pela oportunidade e fomento da bolsa de Iniciação Científica.

## Referências

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. **Revista Pós**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 - 219, nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em 5 de agosto de 2022.

ESTÁTUA de Borba-Gato é incendiada em São Paulo. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/noticia/2021/07/24/estatua-de-borba-gato-e-incendiada-por-grupo-em-sao-paulo.ghtml>. Acesso em 21 de julho de 2022.

MACIEL, Jane Cleide de Sousa. Atlas Mnemosyne e Saber Visual: atualidade de Aby Warburg diante das imagens, mídias e redes. **Revista Ícone**, Pernambuco, v. 16, n.2, p. 191-209, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/238041>. Acesso em 5 de agosto de 2022.

MUNIZ, Bianca; FONSECA, Bruno; RIBEIRO, Raphaela. Incêndios já tomam quase metade das terras indígenas no Pantanal. **El País**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-19/incendios-ja-toma-m-quase-metade-das-terras-indigenas-no-pantanal.html>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PAULO Galo, acusado de incendiar a estátua do Borba Gato, é solto após 14 dias na prisão. **UOL**, 2021. Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/noticias/35537\\_justica-de-sp-determina-soltura-de-paulo-galo-acusado-de-incendiar-estatua-do-borba-gato.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/35537_justica-de-sp-determina-soltura-de-paulo-galo-acusado-de-incendiar-estatua-do-borba-gato.html). Acesso em 10 de agosto de 2022.

PIUBEL, Thays Merolla; MELLO, Rafaela Albergaria. Patrimônios sensíveis, ensino de História e disputas de memória: fissurando o “mito bandeirante”. **Revista História Hoje**, Rio de Janeiro, v. 10, nº 19, p. 53-76, 2021. Disponível

em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/737>. Acesso em 21 de julho de 2022.

SALVIATTI, Ana Paula *et al.* O incêndio não começou e não terminará na estátua do Borba Gato. **Ponte**, 2021. Disponível em: <https://ponte.org/artigo-o-incendio-nao-comecou-e-nao-terminara-na-estatua-do-borba-gato/>. Acesso em 21 de julho de 2022.

SÃO PAULO (Estado). Governo do estado. **Monumento às bandeiras**. 2022. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/monumentos/monumento-as-bandeiras/>. Acesso em: 27 de julho de 2022.

TOMAZ, Kleber; BACKES, Beatriz. STJ decide soltar suspeito de atear fogo na estátua de Borba Gato em SP. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/05/stj-decide-soltar-suspeito-de-atear-fogo-na-estatua-de-borba-gato.ghtml>. Acesso em 10 de agosto de 2022.

VEIGA, Edison. Como os bandeirantes, cujas homenagens hoje são questionadas, foram alçados a 'heróis paulistas'. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53116270>. Acesso em 30 de julho de 2022.